

# Manifesto contra a Hipocrisia

Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

Desde o início do ano que não existiu, pensadores, políticos, economistas, profissionais de diversas áreas, articulistas, periodistas, cientistas, dentre outros, inclusive médicos sanitários e professores como eu, têm pesquisado e emitido opiniões sobre aspectos variados da pandemia de Covid-19. A aceleração em desenvolvimentos tecnológicos é inegável. Em poucos meses, testes diagnósticos, vacinas seguras/protetoras e arsenal terapêutico foram criados e aperfeiçoados. Conquistas em gotas de esperança... Modelos científicos que visam explicar a facilidade de transmissão e a gravidade da doença causada pelo *novo coronavírus* são resgatados. Nos últimos meses, o termo "sindemia" tem sido proposto como a designação mais correta para a pandemia a que o capital submeteu a humanidade. Este conceito foi desenvolvido por Merrill Singer na década de 1990 para explicar, dentre outras, a elevada letalidade da Aids, visto que a supressão da imunidade provocada pelo HIV propicia a aquisição e a evolução grave de outras infecções latentes ou recém-adquiridas. Na sindemia de Covid-19, fatores biológicos, psicossociais e econômicos interagem potencializando a carga da doença na população. Com o perdão da obviedade, o conceito de sindemia explica mas não justifica a crise sanitária a que estamos subjugados. A multifatorialidade e a influência das desigualdades sociais na determinação das doenças são bem conhecidas. Os fatores latentes que podem agravar infecções e outras doenças também. Não se busca compreender e integrar a estes modelos o mundo do trabalho em sua centralidade, dinâmica e natureza espectral. A humanidade, em especial as sociedades ocidentais, tem sido submetida alternadamente a meses de confinamento e afrouxamento sociais segundo critérios estatísticos baseados em dados condicionados à heterogeneidade significativa de políticas públicas, testagens, subnotificação, capacidade da rede hospitalar e outras, entre as regiões do planeta. O que não se aplica é a medida mais básica e antiga de controle de uma epidemia: identificação, isolamento e quarentena de casos e contatos e, quando disponível, vacinação de contatos e interrupção/controle das fontes de propagação (p.ex.: controle da qualidade da água e do sangue). Assim se controlou a peste, mesmo sem se conhecer o agente causal, assim se controlou a febre amarela mesmo antes da vacina, assim se controlou a varíola, assim se controlou a febre tifoide. Assim se mitigou a aids e as hepatites A e B. Estas doenças não foram, em suas épocas, menos letais aos humanos. A diferença está na hipocrisia dos que deveriam resistir mas se aliam ao necrocapital para garantir seus espaços na micropolítica do poder. Há pouco, e ao acaso, encontrei um texto que eu havia escrito em maio que continua valendo neste dezembro do ano que não existiu:

## Manifesto contra a hipocrisia na pandemia

O fascismo interessa às corporações transnacionais.

O governo brasileiro e de muitos países são laiaços do capital transnacional.

A ciência alienada da política é serva dos governos fascistas e do capital transnacional.

O Covid-19 trilha as rotas das cadeias produtivas.

Trabalhadores de todos os setores produtivos estão expostos ao risco do Covid-19.

*Clusters* de Covid-19 têm sido detectados em frigoríficos, empresas de logística (Amazon, Havan, Americanas, da 2a onda na Coreia do Sul), *call centers*, fábricas de embalagens, mineradoras (Vale em Moçambique), supermercados, Petrobrás etc. O contágio pelo Covid-19 inicia-se nos ambientes de trabalho e depois atinge os familiares. Muitos destes idosos, diabéticos, hipertensos, portadores de doenças respiratórias, renais, vasculares, cardíacas, hepáticas, hematológicas, renais, mentais etc, tuberculose, silicose, pneumoconioses, sinusite, periodontite são internados. Alguns morrem e se tornam estatísticas de casos com comorbidades, uma espécie de licença 'epidemiológica' para não atribuir a gravidade ao vírus mas ao agravo prévio. Uma espécie de culpabilização do doente por ser portador de alguma doença e morrer de Covid-19 por não ter se cuidado. Uma espécie de negacionismo epidemiológico!

Ambientes sem ventilação com postos de trabalho a menos de 2 metros entre si são caldos de cultura e contágio por Covid-19 para trabalhadores que respiram o mesmo ar e utilizam as áreas comuns durante 8 horas diárias por 5 dias. O contrário desta afirmativa carece de plausibilidade científica. A ausência de plausibilidade científica acende um alerta para a necessidade de verificação da hipótese de que o fluxo de contágio se inicia na comunidade. A identificação de clusters de 10 e mais casos no chão das fábricas é forte evidência de contágio no ambiente de trabalho. Os trabalhadores e familiares contaminados nestes clusters devem ser amparados pelos direitos trabalhistas. O ônus da prova de que a doença não foi adquirida no trabalho cabe ao empregador. Máscaras, álcool-gel, testes diagnósticos são placebos.

continua



**Os sindicatos precisam lutar pela reestruturação produtiva a favor dos trabalhadores, com ampliação de equipes, redução de ritmos de produção, aumento de pausas, plantas industriais amplas e ventiladas, com EPCs, uso correto de EPIs etc. Vigilâncias do Estado acuadas por governos fascistas são prejudiciais à saúde dos trabalhadores.**

**A atribuição principal dos Cerests é a Visat e não o estabelecimento de nexos causais individuais.**

**O MPT precisa ser mais provocado e atuar junto aos Cerests para a transformação de processos de trabalho.**

**A epidemiologia que não incorpora a centralidade do trabalho aos estudos carece de alicerce científico.**

**Evidências estatísticas dissociadas de questões sobre o mundo do trabalho são mero cientificismo, números sem lastro teórico nem empírico. A academia rendida ao capital transnacional produz um arremedo de produção científica contada por parâmetros bibliométricos sem acréscimo ao conhecimento. ■ ■ ■**

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*